

Diário de Campo: Danças Circulares

Fabiana Santos Rodrigues de Oliveira

Grduanda em Ciências Sociais pela UnB.

fabiana_sro@hotmail.com

Palavras chave:

Integração;
Subjetividade;
Danças Circulares;
Focalizadores; Cultura da Paz;

Key words:

Integration;
Subjectivity; Circular Dances; Focusers; Culture of Peace;

Resumo: A partir de trabalho de campo realizado na turma de focalizadores de danças circulares em Brasília - DF, o presente trabalho aborda questões a respeito das subjetividades individuais, do movimento de integração dos bailarinos proporcionado pelas danças circulares e da dimensão política na perspectiva de construção de uma cultura da paz tendo em vista a conscientização das pessoas acerca de suas responsabilidades pessoais e ecológicas.

Abstract: From field work done in the class of focusers of circular dances in Brasília - DF, this article approaches issues about individual subjectivities, the integration movement of dancers provided by circular dances and the political dimension in the perspective of a construction a culture of peace in view of the awareness of people about their personal and ecological responsibilities.

*O profeta
Para os homens, que eram cegos,
Tu querias, Profeta, dizer a Verdade
E os olhos dos homens iluminaram de êxtase:
As tuas palavras estavam cobertas, ajazadas*

*[escorrentes de poesia
Como esses cadáveres floridos de algas e espumas que*

[as dragas levantam do fundo do abismo...]

Tu quiseste dizer a Verdade e disseste a Beleza!

E choraste.

Mas os anjos sorriam-te...

Porque a Beleza é a forma angélica da Verdade.

Mário Quintana. Apontamentos de história sobrenatural, 2005.

Introdução:

Danças circulares, também conhecidas como danças circulares sagradas, são danças de roda, que fazem parte de várias culturas no mundo todo. Há danças tradicionais, que foram passadas de geração a geração preservando os movimentos. Também é possível dançar as danças coreografadas. A maioria das coreografias é elaborada pelos professores das danças circulares.

Bernhard Wosien¹, bailarino e coreógrafo, foi quem registrou as danças tradicionais de diversas partes do mundo. Tendo-as registrado, passou a ensinar as danças e percebeu que, ao dançar, sentimentos de amor, amizade, gratidão e alegria estavam presentes. A partir de 1976², as danças passaram a ser conhecidas como Danças Circulares Sagradas e estavam sendo dançadas em vários lugares do mundo. O movimento é tido como mágico e transformador para aqueles que dançam, cujos benefícios podem ser observados na saúde ao diminuir a

tensão do dia a dia, na integração das pessoas, na resolução de conflitos.

Esse trabalho é resultado do trabalho de campo realizado de abril a novembro de 2011. As aulas aconteciam às quartas-feiras no Curso de Focalizadores³ de Danças Circulares em Brasília - DF.

Tendo em vista a interação com os bailarinos que estavam no processo de formação de focalizadores de danças circulares, o artigo é um ensaio etnográfico, no qual será descrito os momentos por mim vivenciados e a interação com os colegas e professores das danças circulares.

A religiosidade da Nova Era está voltada para o cultivo de si, cuja idéia holística de saúde orientada para o exercício físico, mental e espiritual entre grupos e indivíduos e uma conscientização ecológica. A conexão da religiosidade da Nova Era em uma busca de desenvolvimento do *self* com a preocupação de preservação ecológica do planeta se interage na identidade das pessoas movidas por um espírito Nova Era. Tais idiosincrasias foram observadas nos dançarinos de danças circulares que, envolvidos por esse espírito da Nova Era, conscientizam-se e são conscientizados pela concepção do desenvolvimento espiritual, pessoal e ecológico.

Esse artigo é uma análise de algumas questões vivenciadas nas aulas das danças circulares tendo em vista as teorias antropológicas. Nesse sentido, é uma tentativa de analisar certas questões à luz das teorias antropológicas.

O artigo foi dividido em cinco partes. A primeira parte é um convite à coesão, nessa perspectiva de coesão e integração, na qual Marcel Mauss (2003) analisa a relação de troca na sua famosa obra *Ensaio sobre a dádiva*. A segunda parte é um convite à individualização, uma vez que as danças proporcionam tanto a harmonia e integração no grupo como também individualização. A terceira parte se refere à política e subjetividade e a última parte é um convite à dimensão terapêutica das danças circulares sagradas tendo em vista o ensaio etnográfico de Favreet-Saada (2005) e a sua experiência com a

¹ Para saber mais sobre Bernard Wosien, acesse o site elaborado por sua filha: <http://www.sacredance-osien.net/index.html>.

² Para saber mais sobre a história das danças circulares, acesse o site: <http://www.dancascircularesrj.com.br/50.html>.

³ Focalizadores são as pessoas que passaram por um processo de treinamento cujo aprendizado consiste tanto na técnica das danças quanto na dimensão holística das Danças Circulares a fim de conduzir grupos para dançar as Danças Circulares. Isabel Zago, focalizadora de Danças Circulares Sagradas, organizou um texto que auxilia o focalizador na sua tarefa de conduzir o grupo. Disponível no site: <http://www.rodastransdancas.com.br/userfiles/file/dicas%20do%20focalizador/Dicas%20do%20Focalizador%20DCS%20-%20Compilação.pdf>

feitizaria em Bocage. Por fim, as considerações finais compreendem numa pequena análise de um movimento de cultura da paz.

Um convite à coesão

Muitos compromissos. Trabalho pela manhã, frequentar as aulas de graduação à tarde. Vários pensamentos surgem durante o dia: textos a serem lidos, trabalhos a serem entregues, seminários a serem realizados. Sempre com aquela sensação de ter que honrar os compromissos firmados, mas sempre com aquela dúvida se conseguirei honrá-los. Dessa forma, mal consigo olhar para as pessoas, é raro o tempo para conversar com os amigos, ainda mais na quarta-feira, meio da semana repleta de compromissos. Porém, quarta-feira é o dia de frequentar as aulas das danças circulares.

À noite vou à aula das danças circulares. Chegando ao local, todos estavam de mãos dadas formando um círculo. Marcela⁴, professora do curso de focalizadores das Danças Circulares, recitava um poema de Hilde Domin⁵ a seus alunos que estava registrado na apostila do curso. O poema se referia à atenção e cuidado de pessoas que reconhecem o outro, que olham e confortam, regenerando e refortalecendo a existência da pessoa.

Logo após o poema ser recitado fomos dançar. As danças circulares são danças nas quais sempre existe contato, seja o contato do olhar, seja o contato do toque. Um sorriso recebido durante a dança, por exemplo, é logo retribuído com outro sorriso.

Mauss (2003), no *Ensaio Sobre a Dádiva*, chama atenção para recebê-lo e o retribuir, ou seja, para a troca. Na concepção desse autor, as trocas produzem aliança nas relações, sejam relações matrimoniais, políticas, econômicas, jurídicas, diplomáticas e religiosas. As alianças religiosas eram realizadas nas cerimônias de sacrifícios, compreendidas como um tipo de relacionamento com os deuses, que gerava aliança. As alianças políticas consistiam nas alianças entre a própria chefia ou subordinados. A dádiva estava presente nessas relações, o receber e o retribuir consistiam em ações das pessoas que gravavam as alianças, e dessa forma formavam um elo.

Nesse sentido, Mauss (2003) concebe a análise da dádiva não apenas pelo prisma do receber e retribuir presentes e, consequente-

mente, a formação das alianças. Mauss (2003) também analisa a mistura de almas ao observar o direito maori. No direito maori, as coisas trocadas possuíam um *hau* e o *mana*. *Hau* consiste na alma que vai junto com o presente, por isso o presente recebido não é inerte. O presente possui alma. Já o *mana* consiste na força reservada aos homens, configurando a autoridade e poder. A mescla de almas gera um vínculo jurídico, pois aquilo que era trocado não era inerte, ou seja, o que era trocado era dotado de espírito. Nessa concepção, há uma movimentação das coisas trocadas, pois são movidas pela alma daquele que presenteou. Aquele que recebeu o presente recebeu a alma daquele que doou. As relações sociais são estabelecidas tendo em vista o contrato firmado pelas pessoas ao receberem e retribuírem alguma coisa.

As coisas trocadas não consistem apenas nos bens materiais. Os gestos, os sorrisos, os olhares também estão impregnados de almas tendo em vista as relações das trocas sociais. Os homens dependem uns dos outros nas relações que são constituídas.

O olhar nas danças circulares é fortemente marcado, pois a maioria das danças ocorre em círculo. Os olhares, os sorrisos, os gestos são constantemente retribuídos quando se dança. O poema recitado pela professora na aula relata essa união. A união advinda de olhares amistosos que acolhem e regeneram o indivíduo, o qual não tem tempo para olhar os outros nem a si mesmo tendo em vista as adversidades da vida urbana. A idéia de aliança de Mauss está presente nas danças circulares e a mescla de almas é um convite para a integração e a coesão do grupo ao dançar.

Um convite à individualização

Embora as danças circulares sejam um convite para harmonia e coesão das relações sociais, há momentos de profunda interiorização. Em uma dessas quartas-feiras, dia das danças circulares, ao chegar à aula defrontei-me com

⁴ Todos os nomes dos pesquisados foram substituídos, de forma a preservar sua identidade. Os nomes das pessoas reconhecidamente públicas, constantes em documentos e livros consultados durante a pesquisa, foram mantidos tal como constam originalmente.

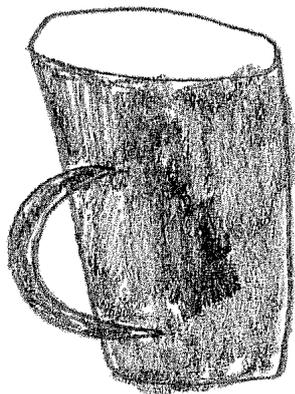
⁵ Você existe de Hilde Domin:

“O teu lugar é onde olhos te vêem. Onde os olhos se encontram, tu surges.

Sustentado por um chamado, sempre a mesma voz, parece que só há uma voz com a qual todos chamam.

Tu estavas caindo, mas não caís. Olhos te seguraram.

Tu existes porque há olhos que te querem, que te olham e dizem que tu existes.



várias máscaras no centro da roda. Foi pedido para cada aluno colocar uma máscara. Depois de as máscaras serem colocadas, todos dançaram de uma maneira espontânea ao som de uma música calma e contagiante. Pela primeira vez, não estávamos aprendendo a dançar coreografias, estávamos dançando à vontade.

O dançar espontaneamente não era comum nas danças circulares, pois estávamos sempre aprendendo os passos das danças tradicionais de diversos países ou coreografadas. Assim, havia rigidez na aprendizagem das danças, pois não estávamos apenas aprendendo a ser dançarinos, estávamos aprendendo as danças para focalizá-las futuramente. Como seríamos professores de danças circulares, havia um rigor na aprendizagem além do regular.

Entretanto, essa quarta-feira foi diferente. Dançávamos livremente utilizando máscaras. Olhar para cada colega utilizando máscaras e dançando foi inovador. Havia colegas dançando em duplas, outros em trio. Um rapaz, em particular, preferia dançar sozinho, e enquanto dançava contemplava seus movimentos ao se observar no enorme espelho que havia na sala de dança.

Quando a música terminou de tocar e as máscaras foram retiradas, os colegas se entreolharam. Luana, aluna do Curso de Focalizadores de Danças Circulares, comentou a respeito da transformação no seu comportamento e no modo de dançar, que a máscara havia possibilitado. Marcus, também aluno do curso, se referiu à máscara como dotada de poder, que possibilitou aflorar seus sentimentos mais íntimos, os quais lhes possibilitaram dançar mais livremente, pois não era necessário seguir uma ordem coerente nas danças, na qual havia um começo, meio e fim.

As danças coreografadas constituem um ritual, pois cada dança possui um jeito certo de dançar, de dar as mãos e de se locomover. A maneira mais comum de se dar as mãos é com a palma da mão do braço direito estendida para cima e a palma da mão do braço esquerdo estendida para baixo. O movimento das pernas também é executado de acordo com a dança específica. Às vezes, começa-se com o pé direito, outras vezes, com o pé esquerdo. Além disso, os movimentos precisam ser rigorosamente respeitados, pois os movimentos referem-se às energias evocadas de acordo com cada movimento realizado.

Esse rigor na maneira de dançar se refere tanto às danças coreografadas quanto às danças tradicionais, que consistem em movimentos realizados há vários anos. A maneira correta de dançar é valorizada, pois há necessidade de preservar essas danças tal como eram dançadas pelos povos há séculos atrás. Por essas e outras razões, as danças circulares constituem-se um rito, onde se preza a simetria, a coesão e a harmonia.

Embora a simetria, a coesão e a harmonia sejam uma constante nas danças, as emoções das pessoas ao se utilizarem das máscaras estavam mais em evidência na sala de aula de acordo com alguns depoimentos dos colegas dançarinos. Crapanzano (2005) descreve que as

emoções que estão por trás dos sujeitos consistem em tumultuosos sentimentos e sensações. Crapanzano (2005) relata a vivacidade das emoções dos indivíduos ao observar a mudança de percepção do ambiente, um local físico.

Para ilustrar sua ideia, este autor descreve um dia de orientação de uma de suas alunas, que havia chegado até sua sala repleta de dúvidas e incertezas a respeito do tema por ela escolhido para estudar. Toda a emoção de sua aluna trazia para sua sala uma atmosfera mais densa e opaca de tão vivo que eram os sentimentos e emoções dela. Assim, Crapanzano (2005) defende o estudo por parte dos antropólogos a respeito da mudança da realidade objetiva para a realidade subjetiva.

No que se refere à análise de Crapanzano (2005) acerca dos ritos religiosos, as narrativas dos participantes de rituais relatam que os participantes sentiam uma enorme solidão no momento de execução do rito. Percebe-se que os participantes não se sentiam imersos em um todo coeso e harmônico tal como Durkheim (2003) se refere.

Conforme Durkheim (2003), é a exaltação coletiva provocada pela reunião dos indivíduos num mesmo lugar que faz surgir o fenômeno religioso e inspira o sentido do sagrado. Essa exaltação coletiva consiste na representação coletiva que é fruto da consciência coletiva, um todo que possui vida própria.

As máscaras colocadas pelos alunos das danças circulares e as danças espontâneas permitiram que os participantes das danças circulares estivessem mais próximos das suas vontades já que se sentiam livres para dançar naquela quarta-feira. Pergunto se as máscaras podem ter propiciado uma mudança da atmosfera conforme Crapanzano (2005) relata tendo em vista a mudança da realidade objetiva para a realidade subjetiva. Com as máscaras, os relatos das pessoas eram de que se sentiam mais à vontade, ou seja, mais próximos de suas emoções. Tão à vontade que não queriam devolver as máscaras.

Um pouco de política e subjetividade

Em uma das primeiras aulas em que frequentei, chamou-me atenção a necessidade de Marcela agradecer a presença das pessoas, pois, conforme Marcela frisava, era muito importante a comunhão das pessoas em pensamentos positivos tendo em vista o momento delicado em que o planeta está passando.

O momento delicado, no qual Marcela enfatiza, consiste nos desastres do meio ambiente, como terremotos, tsunamis, chuvas torrenciais, vulcões que estavam adormecidos e voltaram à atividade. Além dos desastres ecológicos que afetam as áreas urbanas, há as tragédias sociais, tal como o aumento do número de pessoas em estado de depressão, a violência urbana, a má distribuição de renda que ocasiona a disparidade entre os mais ricos e os mais pobres, fenômeno típico brasileiro. O realce ao momento delicado pelo qual o planeta se encontra enfatiza esses desastres como se essas tragédias esti-

vessem ocorrendo com maior frequência em um espaço de tempo menor.

No que se refere às ocorrências sociais, Durkheim (1999) analisou a crise moral que a sociedade de sua época enfrentava e abordou a questão da individualização cada vez mais frequente na sociedade moderna, cuja sociedade se estabelece na solidariedade orgânica e a conseqüente busca dos indivíduos em se especializarem para o mercado de trabalho.

Durkheim (2000) completa o seu raciocínio na sua obra a respeito do suicídio, onde observa que o aumento do número de suicídios na sociedade moderna se manifestava em período de crise econômica, seja nos períodos de prosperidade da economia, seja nos períodos de crise da economia. O suicídio ocorria em maior número nos casos em que havia um exagero da atividade econômica e um aumento das trocas e das rivalidades. Pergunto se a análise da crise moral pela qual a sociedade de sua época enfrentava pode ainda estar em sintonia com as tragédias sociais observadas na sociedade atual.

Em outro momento, a professora das danças circulares enfatizava que era preferível as pessoas participarem das aulas de danças circulares a assistirem aos noticiários da televisão, cujas notícias veiculadas na sua grande maioria das vezes consistem em tragédias. É possível perceber nesse comentário a valorização de uma atividade que proporciona bem estar, ou seja, “alimenta o espírito” em detrimento de outra que muito provavelmente envolve uma “contaminação do espírito” aos olhos da professora. Por um lado, a atividade por ela exercida é exaltada como um trabalho dignificante ao desenvolvimento do *self*, por outro lado, os que não estão trabalhando pró-ativamente pelo desenvolvimento do *self* não estão inseridos na dimensão espiritual e pessoal que as danças circulares promovem.

Embora as teorias antropológicas tenham se valido do conflito e oposição de um grupo em relação a outro para enfatizarem a dimensão política desse movimento, conforme Gluckman (1987), ao analisar a situação social na Zululândia moderna, o qual abordou a clivagem dominante que consiste na relação entre os europeus e os zulus, e o desencadeamento de conflitos e cooperação advindos da interação desses dois grupos em oposição; e Barth (1998), ao examinar os grupos étnicos, o qual observou que as distinções étnicas advêm do contato entre outros grupos étnicos e, dessa forma, a identidade étnica advêm da oposição de um grupo em relação a outro grupo. Barth (1998) aborda a fronteira política construída pelos grupos étnicos tendo em vista a necessidade de se instituírem enquanto grupos étnicos em oposição a outro grupo étnico.

Acredito que a exaltação da professora Marcela ao trabalho honroso de desenvolvimento do *self* e do desenvolvimento espiritual, proporcionado pelas danças circulares, não esteja no campo do conflito e oposição de um grupo em relação a outro, tendo em vista a constituição política; mas acredito que, no que diz respeito à identidade, é possível observar nas palavras de Marcela que existe uma super valorização de

uma atividade que trabalha em prol de ajudar as pessoas a se autoconhecerem em contraponto a outras atividades, como as das pessoas que preferem ficar em casa assistindo a televisão comodamente.

No que tange à questão da identidade dos religiosos, Almeida (2009) observou que os pentecostais estão em oposição às religiões afro-brasileiras, embora seja uma oposição que não desacredite nas suas práticas, pelo contrário, é uma oposição que legitima as práticas do universo afro-brasileiro. Brandão (1988) percebeu que, no domínio mediúnico, uma oposição simbólica entre o espiritismo e os cultos “afro” é intensa e recebe conotações divergentes, de um lado e do outro. Observa-se que é comum o estabelecimento de uma identidade religiosa em oposição a outras identidades religiosas. Assim, ao observar a fala da professora, o antagonismo não se faz tendo em vista outros movimentos religiosos, mas sim a escolhas de atividades que não proporcionam o autoconhecimento e o desenvolvimento espiritual.

É muito marcado na fala da professora o orgulho e a honra de poder ajudar as pessoas a se autoconhecerem e a se fortalecerem espiritualmente. É algo valioso que deve ser compartilhado, e não guardado consigo. Na concepção de poder para Foucault (1988), que analisa os termos de poder não sob a dimensão da dominação do aparelho ordenador do Estado sobre os indivíduos, mas na perspectiva das diversas formas de poder. Foucault (1988, p. 89) observa que “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares”. Em outra parte, Foucault (1988, p.89) conceitua: “o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada”. O poder para Foucault (2003: 231) constitui nas “relações de poder existentes entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família”.

Ensinar as danças circulares sagradas é ser detentor de um poder. É algo valioso e que deve ser realizado com respeito e responsabilidade. Respeito tendo em vista as danças tradicionais cujos movimentos devem ser minuciosamente preservados e com responsabilidade, porque há um grupo de pessoas que estão sob a responsabilidade do focalizador.

Nessa acepção de poder de Foucault, penso se seria possível analisar sob a dimensão política a constituição do movimento das danças circulares, também conhecido como danças circulares sagradas.

O que me pergunto não é a respeito de uma política tal como estamos acostumados a observar, a política que domina a vida dos indivíduos, muitas vezes escolhendo aqueles que irão viver e os que irão morrer, conforme as visões biológicas e políticas de Foucault (2002). É sob a perspectiva de outro tipo de política, mais branda e pacífica, que advém da vontade de um mundo melhor composto por pessoas conectadas mentalmente e pró-ativamente a elaborar esse mundo.

Um convite à dimensão terapêutica das danças circulares sagradas

Em toda aula das danças circulares, há algum candidato para elaborar o centro da roda, no qual as danças são realizadas ao seu redor. No primeiro dia de aula, Sabrina, uma das alunas que já havia elaborado o centro, se prontificou a relatar a experiência. Disse:

"Fazer o centro da roda é muito bacana porque é um pouco da gente que está sendo doado para o grupo, mas também existe a dificuldade de fazê-lo porque os elementos trazidos para o centro da roda refletem bastante a própria pessoa. Então, quem se candidata a fazer o centro da roda se preocupa durante todo o dia, pois quer fazê-lo da melhor forma possível. E não é só elaborar o centro como também é necessário explicar para o grupo o motivo de ter trazido certos objetos para o centro da roda. A gente passa o dia inteiro pensando sobre o que trazer para o centro da roda e o motivo pelo qual trouxe certos objetos."

É possível observar o esforço e dedicação dos professores e dançarinos de danças circulares em construir um mundo onde as pessoas possam viver mais integradas, mais conectadas com a natureza e com o desenvolvimento do *self* e o espiritual.

Velho (1994) ressalta que o projeto é o efeito de escolhas conscientes dentre o campo de possibilidades em que o indivíduo está inserido. O sujeito pode ter mais de um projeto, mas há um projeto que norteia os demais. O projeto é transformado tendo em vista a dinamicidade de sua existência, e dessa forma, os indivíduos reelaboram e reconstróem suas identidades.

No que se refere ao projeto dos bailarinos das danças circulares, percebe-se que a dimensão do projeto se faz presente e atuante na forma como as danças estão inseridas em um contexto maior, cujo prazer não está apenas em dançar, mas também no projeto de construção de um mundo composto por pessoas com pensamentos e atitudes respeitadas, desencadeando responsabilidade social e ambiental naqueles que dançam.



Baile das Danças Circulares

Foto: Isabel Zago. Novembro/2011

Dessa forma, Sabrina resumiu o que acontece todo início das aulas. Em toda aula, algum aluno faz o centro e explica para a turma porque escolheu aqueles objetos. Teve uma aula, especificamente, na qual o centro da roda me chamou atenção. Ruth, uma das alunas, trouxe elementos nas cores branca, verde, azul e amarela e um vaso de flor estava posicionado no meio dos elementos. Era um lenço de seda nas cores azul e branco estendido no chão e o vaso de flor com flores amarelas sobre o lenço. Ruth relatou o significado de cada elemento trazido e a energia evocada de cada cor.

Em relação ao vaso de flor, Ruth relata que havia alguns botões de flores que estavam fechados e outros que estavam abertos. Em seguida, Ruth diz: “os botões de flores fechados simbolizam as pessoas que não estão em sintonia com o grupo, não estão envolvidas com as danças, mas que logo estarão envolvidas, pois todos os botões do vaso de flor se abrirão”.

Esse episódio me fez lembrar o texto de Favret-Saada (2005), em que a autora relata seu envolvimento com a feitiçaria em Bocage, onde as pessoas somente passaram a comentar com ela a respeito da feitiçaria no momento em que eles perceberam que ela foi afetada. Outra questão interessante no texto de Favret-Saada (2005) e Zenobi (2010) diz respeito à dimensão que a observação participante possui no trabalho do etnógrafo, uma vez que, em um primeiro momento, é mais comum o antropólogo observar do que participar, sendo que a participação só acontece depois. Porém, Favret-Saada (2005) questiona a observação participante e desenvolve um método que possibilita o antropólogo fornecer informações a respeito dos aspectos não verbais e involuntários da experiência humana. Para isso ocorrer, é preciso deixar-se afetar, conforme explica Favret-Saada.

Em contrapartida, Goldman (2005) chama atenção para o tempo que durou a pesquisa da Jeanne Fravet-Saada em Bocage, tempo longo e difícil de ser executado em pesquisas ultimamente, pois sua pesquisa demorou nove anos para ficar pronta. Entretanto, observa que o tempo é relação e é através do tempo, que não pode ser medido, que os antropólogos podem se

envolver com o grupo estudado. Goldman (2005, p. 150) diz:

“Basta que os etnógrafos se deixem afetar pelas mesmas forças que afetam os demais para que um certo tipo de relação possa se estabelecer, relação que envolve uma comunicação muito mais complexa que a simples troca verbal a que alguns imaginam poder reduzir a prática etnográfica”.

Percebe-se nas palavras de Goldman (2005) que, para o antropólogo ser afetado pelas mesmas forças que afetam as pessoas nas quais ele está em interação, o tempo de convívio do antropólogo com as pessoas é fator determinante nessa relação. Nesse sentido, a perspectiva da não representação das pessoas estudadas e de seu objetivo de oferecer à feitiçaria estatuto de técnica e conhecimento de aparato terapêutico, abordado por Favret-Saada (2005), consiste em um modo de fazer antropologia respeitando o grupo estudado que acolhe o antropólogo.

Conclusão

Tendo em vista a convivência com os bailarinos e professores de danças circulares, percebe-se que o movimento denominado Nova Era se faz presente na relação entre os bailarinos e até mesmo na relação entre os bailarinos com o planeta, uma vez que é presente o desenvolvimento de uma consciência tanto voltada ao *self* quanto voltada à preocupação ecológica e social.

No que diz respeito ao movimento Nova Era, Almeida (2010, p. 377) o analisa tendo em vista à categoria da espiritualidade:

“[...] que conceitualmente não se reduz ao alcance da categoria religião, mas é, no entanto, um campo empírico investigado, regra geral, pelas Ciências Sociais da Religião. A literatura vem circunscrevendo o fenômeno em torno do termo Nova Era, que em boa medida elabora a bricolage de referências pré-modernas como a desre-

gulação institucional, o consumo mercadológico de vivências e experiências espirituais, e a ênfase no autoaperfeiçoamento do indivíduo.” [.....]

É possível observar que as danças circulares estão inseridas na dimensão espiritual do movimento da Nova Era e na possibilidade de se fazer um estudo empírico. As danças unem as pessoas e regeneram a vida daqueles que dançam, uma vez que o movimento trabalha com a saúde mental além da física, colaborando para o autoaperfeiçoamento do indivíduo e o desenvolvimento espiritual.

A união das pessoas ao redor do centro da roda traz comunhão entre os indivíduos em um mundo cada dia mais competitivo e individualista. A mescla de almas enfatizada por Mauss (2003) se manifesta nesses momentos de comunhão. Estar na roda das danças circulares é se sentir parte de um todo: a roda e sua magia de integração, de autoconhecimento, de respeito ao sagrado, de conscientização ecológica uma vez que a interação entre as pessoas na roda revitaliza-nos e encoraja-nos na nossa posição enquanto sujeitos ativos e colaboradores quando longe da roda das danças, ou seja, quando da nossa inserção nas atividades diárias e rotineiras vividas por nós cotidianamente. A roda das danças circulares, isto é, a presença do grupo fortalece-nos e desencadeia em nós uma maior compreensão do outro e possibilita o desenvolvimento de afetividade enquanto sujeitos ativos na sociedade.

Souza (2009), em entrevista realizada com o professor de sociologia e antropologia da Universidade de Strasbourg na França David Le Breton, lhe perguntou a respeito das especificidades

do uso do corpo tal como são empregados pelos considerados modernos primitivos. Le Breton respondeu que os modernos primitivos seriam os indivíduos que buscam a espiritualidade cuja procura não se confunde com instituições religiosas, é apenas uma maneira de elaborar o sagrado pessoal, onde haveria transformação não apenas do corpo como também do interior.

O movimento Nova Era está na dimensão dos modernos primitivos, e as danças circulares possibilitam a elaboração do sagrado pessoal. Entretanto, a elaboração do sagrado pessoal não está desvinculada da necessidade do grupo tal como Durkheim (1996) já observou. A presença do grupo e a força do coletivo têm grande importância para o sagrado pessoal ser elaborado como Marta, uma das alunas, comentou uma vez:

“quando dançamos as músicas infantis, relembramos a nossa infância e nos conectamos com o nosso espírito livre e liberto tal como criado por Deus. Como crianças, dançamos juntos, brincamos juntos e o grupo nos leva a Deus, pois cada brincadeira compartilhada e gargalhada dada é a união com o outro ao dançar”.

Assim, o grupo é enfatizado como essencial aos bailarinos para o sagrado se fazer presente. Terminei esse artigo com uma frase que a professora Marcela gosta de falar nas suas aulas e acredito que essa frase resume a dimensão acolhedora e é um convite para você, leitor, entrar na roda: “a roda das danças circulares é o espaço do erro e do perdão”.

Submetido em Novembro de 2011

Aceito em Julho de 2012

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ronaldo. (2009). A Igreja Universal e seus demônios. São Paulo: Terceiro Nome.
- ALMEIDA, Ronaldo. (2010). Religião em transição. In: MARTINIS, C. B. C.; DUARTE, L. F. D. (Orgs). Horizontes das ciências sociais: antropologia. 1. ed. São Paulo: Anpocs/Barcarolla,
- BARTH, Frederik. (1998). Grupos Étnicos e suas Fronteiras. POUTIGNAT, P; STREIFF-FENART, J. (Orgs). Teorias da Etnicidade. São Paulo: Editora da UNESP,
- BRANDÃO, Carlos Roberto. (1988). Ser católico: dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião. In: FERNANDES, R. C. Brasil & EUA Religião e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Graal,
- CRAPANZANO, Vincent. (2005). A cena: lançando sombra sobre o real. Mana, Rio de Janeiro, vol. 11, nº 2, p. 357-383. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132005000200002&script=sci_arttext>. Acessado em: 13/09 de 2011.
- DOMIN, Hilde. (2006). Der Baum blüht trotzdem. Editorial: S. Fischer,
- DURKHEIM, Émile. (1995). Da divisão social do trabalho. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes
- DURKHEIM, Émile. (2000). O Suicídio. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes
- DURKHEIM, Émile. (1996). As formas elementares da vida religiosa. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes
- FAVRET-SAADA, Jeanne. (2005). Ser afetado. Cadernos de campo, São Paulo, vol. 13, ano 14, p. 155-161. Disponível em: <http://www.ffich.usp.br/da/cadcampo/ed_ant/revistas_completas/13.pdf>. Acessado em: 12/08 de 2011.
- FOUCAULT, Michel. (2002). Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, M. Em Defesa da Sociedade. Curso no College de France. São Paulo: Martins Fontes
- FOUCAULT, Michel. (2003). Poder e Saber – 1977. In: FOUCAULT, M. Estratégia, Poder, Saber. Coleção Ditos e Escritos, vol. IV, Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel. (1998). Método. In: FOUCAULT, M. História da Sexualidade 1: A Vontade do Saber. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal..
- GLUCKMAN, Max. (1987). Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In FELDMAN-BIANCO, B. (Org). A Antropologia das sociedades complexas. São Paulo: Global
- GOLDMAN, Márcio. (2005). Jeanne Favret-Saada, os afetos, e etnografia. Cadernos de campo, São Paulo, vol. 13, ano 14, p. 149-154. Disponível em: <http://www.ffich.usp.br/da/cadcampo/ed_ant/revistas_completas/13.pdf>. Acessado em: 12/08 de 2011.
- MAUSS, Marcel. (2003). Sociologia e Antropologia. 4 ed. São Paulo: Cosac Naify.
- QUINTANA, Mário. (2005). Apontamentos de história sobrenatural. 1 ed. São Paulo: Globo.
- SOUZA, Cláudia Machado. (2009). Entrevista com David Le Breton. Iara - Revista de moda, cultura e arte, São Paulo, vol. 2, nº 2. Disponível em: <http://www.iararevista.sp.senac.br/arquivos/noticias/arquivos/93/anexos/iara_01_David_Le_Breton_VERSAO_FINAL.pdf>. Acessado em: 04/01 de 2012.
- VELHO, Gilberto. (1994). Memória, Identidade e Projeto. In: VELHO, G. Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- ZENOBI, Diego. (2010). O antropólogo como espião: das acusações públicas à construção das perspectivas nativas. Mana, Rio de Janeiro, vol. 16, nº 2, p. 471-499. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132010000200009&script=sci_arttext>. Acessado em: 02/08 de 2011.

